

Brasil da paz.

Na caverna primitiva,
Armada de pedra e clava.
A Terra move-se escrava
Do Sul ao Setentrião.
Sob o medo que a domina,
Espessa nuvem a encerra:
É o carro estranho da guerra,
Gerando destruição.

Desde os lêmures remotos
À Atlântida bela e flórea,
Hoje segredos da História
No torvo arquivo do mar,
Suplicam povos nascentes:
— “Viver e amar!... Ao porvir!...
Crescer, lutar, construir!...”
E a guerra pede: “arrasar!...”

Das glebas remanescentes
Aninha-se na Caldéia,
Paira fremente na idéia
Dos seguidores de Deus!...
Antigos povos pastores
Bradam rixas e vinganças
E empunham pérfidas lanças
Na guerra dos filisteus.

Filósofos pregam paz
Sobre espadas e tambores.
Há novos conquistadores
Decretando novas leis...
Passa a rude caravana.
Sesóztris, Ramsés, Cambises
E as multidões infelizes,
Seguindo sobas e reis.

Um dia, Alguém contra o ódio
Desce da Altura Infinita,
Faz-se a palavra bendita
De vida, verdade e amor,
Mas a voz da crueldade
Dirige-se em rumo certo
E impõe-lhe, a cenário aberto
A morte de malfeitor.

Desde Jesus, entretanto,
Cresce a Divina Demanda,
O bem sugere e comanda
No direito natural...
Tantas armas se acumulam,
Tanta violência subleva

Que a treva receia a treva
E o mal sente o horror do mal...
No contexto das Nações
Eis que o duelo se atia,
Mas a chama de Justiça
Acende a luz da razão;
Rogam-se ajustes, tratados,
Cessação de toda luta.
Concórdia, amparo, permuta,
Auxílio e cooperação.

Brasil, no posto da paz
Em que a vida te agasalha,
Serve, abençoa, trabalha
Na fé a que o Céu te induz!
E ainda que o ódio estoure,
Clama, em brado soberano,
Que em todo conflito humano,
O vencedor é Jesus.

Castro Alves

(Poema recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública de beneficência do Centro Espírita União, em São Paulo, na noite de 20 de outubro de 1982.
Fonte: "O Espírita Mineiro, número 190, outubro/dezembro de 1982.)

Milênio segundo.

Dez séculos são passados...
Bizâncio empalidecida
Transfere esplendor e vida
Ao poderio de Othão.
Desde o Grande Constantino,
O Ocidente, aos tempos novos,
Faz-se assembléia de povos,
Esperando a Paz em vão.

Há quem sonhe liderança
De nível superior...
Alguém que trouxesse amor
À construção do porvir;
Mas, entre os feudos altivos,
Irrompe Henrique Segundo,
Que grita, à face do mundo:
— "Conquistar ou destruir..."

O milênio começava
Tendo a Guerra por destino...
Crescêncio, Arnaldo e Arduíno